

CONSTRUÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO E A INFLUÊNCIA DO COMPUTADOR NAS TURMAS DE 1º ANO DAS SÉRIES INICIAIS DA EMEF EGYDIO VÉSCIA

Andréa Bóllico Saratti ¹

Eronita A. Cantarelli Noal ²

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo analisar o estudo sobre o uso do computador e sua influência no processo de alfabetização dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental da EMEF Egydio Vécia. Levou-se em consideração na pesquisa a metodologia de trabalho da professora com as turmas, bem como a sua visão sobre os sujeitos, sobre suas posições como aprendentes e agentes ativos nas interações e intersubjetividades, ocorridas cotidianamente na sala de aula e demais espaços escolares. Percebeu-se que no caso em questão, a utilização do computador é planejada garantindo a coerência nas estratégias de ensino empregadas e o aproveitamento das interfaces, softwares e jogos educativos em seu potencial como facilitador do aprendizado tornando as informações mais compreensíveis, além de vir de encontro com o trabalho realizado em sala de aula.

Palavras-chave: Alfabetização; Sujeitos; Computador; Educação.

Abstract

This study aimed to analyze the study of computer use and their influence in the process of literacy of students in the 1st year of elementary school of EMEF Egydio Vescia. Took into consideration the research methodology of work of the teacher with the class, as well as their views about the subject on their positions as learners and active agents in the interactions and inter-subjectivities, occurring daily in the classroom and other school spaces. It was noticed that in this case, the use of computers is planned ensuring consistency in teaching strategies employed and the use of interfaces, software and educational games on its potential as a facilitator of learning and makes the information more understandable, and come from encounter with the work done in the classroom.

Keywords: Literacy; Subject; Computer; Education.

¹ Pedagoga da Sala de Aula - Séries Iniciais e Educação Infantil, professora da Rede Municipal de Santa Bárbara do Sul, Pós-Graduada em Mídias na Educação UFSM – Pólo Panambi, e-mail <saratti.a@hotmail.com>

² Professora Orientadora do Artigo

1. Introdução

O uso das mídias na educação tem sido alvo de inúmeros artigos e discussões, apesar delas estarem presentes nas escolas desde sempre, nas formas impressas, radiofônicas ou televisivas. As questões centrais das discussões tomaram uma proporção maior com a entrada do computador pelas portas dos gestores, para um uso burocrático da máquina, os discentes recebiam pela porta da frente de seus lares as tecnologias digitais e mudavam radicalmente seu comportamento e interesses, enquanto os professores permaneciam com a mesma ideia em relação a estes sujeitos.

A intenção desta pesquisa é compreender como o computador interfere na alfabetização dos sujeitos, levando em consideração as suas hipóteses individuais e conhecimentos anteriores, bem como na metodologia e visão do docente perante a essa mídia.

Ao deparar-se com uma turma de alfabetização o professor precisa estar preparado para trabalhar com os diferentes sujeitos e as diferentes culturas de forma eclética, para que atinja a todos, não basta possuir conhecimentos teóricos, mas sim buscar em si a capacidade de extrair do outro e do seu próprio ser hipóteses que serão prenúncios de um conhecimento produzido a partir das trocas e inter-relações.

Seguindo as ideias de Ferreiro e Teberosky (1986), o processo de alfabetização é complexo e abstrato, a Psicogênese da Língua Escrita é utilizada pelos alfabetizadores, por todo o seu valor científico, como um manual para entender em que nível da escrita encontra-se o aluno e a partir daí realizar intervenções.

A alfabetização se constitui como a base fundamental para que o aluno seja capaz de ler e compreender o mundo e poder interpretá-lo, permitindo o desenvolvimento da autonomia e de habilidades, bem como a assimilação de conhecimentos posteriores (SOARES, 2004).

Recebe-se alunos letrados no uso do computador, das diversas tecnologias digitais que surgem diariamente, cabe ao professor vencer o medo, buscar estratégias e trazer para o seu planejamento essas tecnologias.

Moran (2000) lembra que “as riquezas de recursos nem de longe deverão substituir a presença e a ação do professor com os alunos. Estas técnicas e ambientes tecnológicos deverão, isto sim, colaborar para ações conjuntas de professor e aluno em busca da aprendizagem”. Tal abordagem será desenvolvida em razão de se perceber que ainda existem muitos professores que resistem por falta de conhecimento e insegurança temendo ser substituído por máquinas; tal concepção se deve ao analfabetismo digital que abrange ainda grande parte dos gestores e educadores. Sabe-se que a mediação pedagógica busca um construcionismo. Para isso, desenvolveram-se pesquisas visando contribuir para a transformação da aprendizagem informatizada, que permite ao aluno criar modelos a partir de experiências, aprimorando e estimulando novas ideias por meio de pesquisas e debates.

O uso do computador na educação é uma realidade, por isso é fundamental buscar nos avanços da tecnologia, facetas que contribuam com a melhoria do processo de ensino-aprendizagem. Fazer a utilização da máquina de uma maneira planejada, visando estratégias coerentes que venham de encontro com a realidade dos discentes, métodos e técnicas de ensino, aproveitando ao máximo suas qualidades potenciais.

Por esses motivos foi determinado como objetivo geral deste estudo: Realizar formas de utilização do computador nas turmas de alfabetização da EMEF Egydio Vécia, como ferramenta alternativa e auxiliadora no processo ensino-aprendizagem, pesquisando e estudando os métodos empregados através de seu uso, buscando ratificar que é fundamental mudar significativamente a maneira de trabalhar e planejar para os sujeitos da era digital.

2. Alfabetização

O foco principal das crianças na escola é a alfabetização, este olhar parte tanto de dentro das instituições, como das famílias e das próprias leis vigentes.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96), em seu capítulo II, trata especificamente da educação básica da qual a

alfabetização é o ponto-chave, e em seu artigo 22 esclarece que — a educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe formação comum e indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Neste sentido a alfabetização é vista como o ponto de partida para que os sujeitos integrem-se a sociedade e a partir disso realizem suas leituras de mundo e participem ativamente da mudança do mesmo, como agentes críticos e transformadores.

Segundo Soares (1995), “considera que —dos indivíduos já se requer não apenas que dominem a tecnologia do ler e do escrever, mas também que saibam fazer uso dela, incorporando-a a seu viver, transformando assim seu estado ou condição, como consequência do domínio desta tecnologia”.

Concordando com essa premissa, Freire (1999) define que “a alfabetização é mais do que o simples domínio psicológico e mecânico de técnicas de escrever e de ler. É o domínio dessas técnicas, em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende”.

Vale destacar que, as crianças chegam à escola com uma bagagem significativa conhecimentos prévios acerca da leitura e da escrita, mesmo que ainda não as domine ou compreendam, no processo de alfabetização estes fatores não pode ser descartáveis. Esses conhecimentos são necessários para a construção de novos significados, constituindo-se como ponto de partida de ideias ou hipóteses para a aprendizagem do código escrito (MACHADO, 2011, p. 28).

Neste sentido, pesquisas como as de Ferreiro e Teberosky (1985) consideram que as habilidades de leitura e escrita iniciam-se antes mesmo de o aluno chegar à escola, a partir das relações que o sujeito estabelece com sua realidade em seu meio familiar, cultural e social. Ainda de acordo com Ferreiro,

A criança recebe informação dentro, mas também fora da escola, e essa informação extraescolar se parece à informação linguística geral que utilizou quando aprendeu a falar. É informação variada, aparentemente desordenada, às vezes contraditória, mas é informação sobre a língua escrita em contextos sociais de uso (FERREIRO, 2001, p. 38-39).

Ferreiro e Teberosky (1986) desenvolveram aspectos propriamente linguísticos da Psicogênese da língua escrita, descreveram o aprendiz formulando hipóteses a respeito da escrita (código), percorrendo um caminho

que pode ser representado nos níveis pré-silábico, silábico, alfabético. Essa construção demonstra que o processo de construção da escrita segue uma linha regular, organizada em três grandes períodos:

- Distinção entre o modo de representação icônica (imagens) ou não icônica (letras, números, sinais), não se faz qualquer relação da fala com a escrita;
- Construção de formas de diferenciação, controle progressivo das variações sobre o eixo qualitativo (variedade de grafias) e o eixo quantitativo (quantidade de grafias que varia de acordo com o número de sílabas das palavras). Vinculação da fala com a escrita.
- Fonetização da escrita, quando aparecem suas atribuições de sonorização, iniciado pelo período silábico e terminando no alfabético.

A realidade vista ao longo da Educação Básica nas escolas brasileiras é preocupante, pois chegamos ao fim do Ensino fundamental com alunos que pode-se chamar de analfabetos funcionais, isto é, que saiba escrever o próprio nome, mas não consegue ler e interpretar um pequeno texto simples.

Tabela I – Evolução do Indicador de Analfabetismo Funcional – População de 15 a 64 anos em %.

Níveis de alfabetização	2001- 2002	2002- 2003	2003- 2004	2004- 2005	2007	2009	2011- 2012
Analfabeto	12	13	12	11	9	7	6
Rudimentar	27	26	26	26	25	21	21
Básico	34	36	37	38	38	47	47
Pleno	26	25	25	26	28	25	26
Analfabetos funcionais (Analfabeto e Rudimentar)	39	39	38	37	34	27	27
Alfabetizados funcionalmente (Básico e Pleno)	61	61	62	63	66	73	73
Base	2002	2002	2002	2002	2002	2002	2002

Fonte: Adaptado de INAF Brasil 2001 a 2011.

OBS: Os resultados até 2005 são apresentados por meio de médias móveis de dois em dois anos de modo a possibilitar a comparabilidade com edições realizadas nos anos seguintes.

O percentual da população alfabetizada funcionalmente foi de 61% em 2001 para 73% em 2011, mas apenas um em cada quatro brasileiros domina plenamente as habilidades de leitura, escrita e matemática.

Diante desses resultados, pode-se considerar que a escola está falhando na sua função principal, que é a de fazer dos alunos seres inseridos e ativos na sociedade. A Alfabetização é o ponto de partida nessa inserção, por isso é fundamental avançar no desenvolvimento da aprendizagem da leitura e escrita.

Refletindo sobre possíveis razões por que os alunos têm dificuldade em se alfabetizar, pode-se considerar que são vários os fatores que interferem no desenvolvimento da aprendizagem, tais como a bagagem cultural, o meio em que se vive o nível social e econômico, a estrutura familiar, entre outros. Portanto, é o sujeito que sofre as interferências do meio em que está inserido e deve ser entendido como o centro no processo de aprendizagem.

Levando em consideração a argumentação acima (tabela 1), não pode-se desvincular o computador da escola, principalmente nas turmas de alfabetização, pois as crianças chegam com um conhecimento muito grande proporcionado pelo mundo digital. As famílias estão totalmente submersas as mídias digitais e as inovações trazidas por elas.

2.1. Sujeitos/ tempos de aprender: epistemologia genética

No início da década 20, do século passado, Piaget realizou sua pesquisa psicológica, sobre a construção do conhecimento partindo da ideia de descobrir como os sujeitos passam de um de um estado de menor conhecimento a um estado de maior conhecimento.

Para Piaget, o sujeito epistêmico deve ser entendido como o indivíduo universal, que é, ao mesmo tempo, todos e nenhum. Simultaneamente, reúne as características e propriedades pelas quais passam os indivíduos, sem levar em consideração processos particulares e subjetivos, restringindo-se à dimensão epistemológica, isto é, do conhecimento. Entretanto, deve-se chamar atenção para o fato de que esse sujeito epistêmico foi construído com base na investigação psicológica e por isso pautado e constituído em dados

investigados em um sujeito específico. Piaget jamais negou a importância desse sujeito psicológico, todavia, seu objetivo e objeto de pesquisa eram outros. Inhelder afirma-se como principal colaboradora de Piaget, de maneira que seus estudos se diferenciam justamente por se dirigirem à investigação do sujeito psicológico (PIAGET, cit. In Silva, 2009, p 231).

Segundo Piaget (cit. In Silva, 2009, p. 231-232), o conhecimento é sempre produto da interação entre sujeito e objeto. Nesse sentido, a ação pode transformar-se em uma ação interiorizada (operação) que modifica o objeto e o próprio sujeito, proporcionando-lhe uma coordenação de suas ações. Em sua obra *A tomada de consciência* (1974), Piaget explicita a ação como a forma mais elementar para a ocorrência das interações entre sujeito e objeto. O processo de tomada de consciência pode ser iniciado quando a resistência oferecida pelos objetos não pode mais ser superada através de simples regulações automáticas, passando a depender de escolhas mais ou menos deliberadas, ou seja, de regulações ativas. Embora haja a possibilidade das regulações automáticas superarem certos obstáculos oferecidos pelos objetos, os sujeitos obtêm êxito (mesmo os em estágio inicial), apenas no plano da ação prática. Eles passam somente a ter o mesmo êxito no plano da representação na medida em que executam regulações ativas para a adaptação de alguns processos, o que se reflete em escolhas intencionais e que supõe o uso da consciência.

De acordo com Piaget (cit. In Silva, 2009):

A inteligência não começa, pois nem pelo conhecimento do eu nem pelo das coisas enquanto tais, mas pelo conhecimento de sua interação, e é ao orientar-se simultaneamente para os dois pólos dessa interação que ela organiza o mundo, organizando-se a si mesma (PIAGET, 1937, p.361).

Tendo a ação como fonte do processo de desenvolvimento, Piaget (cit. In Silva, 2009, p. 232) responde a sua pergunta inicial dizendo que o sujeito passa de um estado de menor conhecimento a um estado de maior conhecimento por meio da interação com o objeto. Neste sentido essa afirmativa vale perfeitamente às necessidades do sujeito epistêmico. O sujeito psicológico (subjetivo, único) caracteriza-se por sua subjetividade, vontade, particularidade e complementação conceitual ao sujeito epistêmico (universal

em relação ao conhecimento) A interação com o objeto promove o que Piaget denomina como conflito cognitivo.

PIAGET (1975), numa perspectiva de equilibração uma das fontes de progresso no desenvolvimento dos conhecimentos deve ser procurada nos desequilíbrios como tais, que por si só obrigam um sujeito a ultrapassar seu estado atual e a procurar o que quer que seja em direções novas.

2.2. Tempos de aprender

Segundo Piaget (cit. In Silva, 2009, p 238), o processo de abstração engloba dois aspectos funcionais, que são o reflexionamento e a reflexão. Entende-se por reflexionamento a projeção sobre um patamar superior daquilo que foi retirado de um patamar inferior. Já a reflexão é a reorganização daquilo que foi retirado anteriormente de um nível inferior (N) e projetado em um nível superior (N+1). Não se trata de processos isolados, mas de aspectos funcionais que trabalham em conjunto. Além disso, pode-se dividir a abstração em duas formas: empírica e reflexionante. A abstração empírica é responsável por retirar os dados dos observáveis, mas a abstração reflexionante é estruturante, capaz de produzir novas formas.

Na relação forma versus conteúdo, vê-se que a abstração empírica é a principal responsável por alimentar os esquemas com os observáveis (conteúdos), mas a criação das formas acontece por meio da abstração reflexionante. Não há uma abstração empírica ou reflexionante de forma pura. Elas constituem-se processos solidários e complementares. Mesmo havendo essa solidariedade, as abstrações empíricas e reflexionantes não colaboram de forma recíproca, pois, enquanto a última retira os dados das coordenações de ações e tem um caráter estruturante, a primeira fornece os dados, coloca as perguntas e é capaz de conferir as soluções práticas. No mesmo sentido, os mecanismos funcionais seguem igual princípio. O reflexionamento é capaz de fornecer o conteúdo a um novo patamar através da projeção, mas é a reflexão que é capaz de organizar as formas que abrigam esses conteúdos. Diante disso, o tempo da aprendizagem, no sentido da compreensão, é um período de

reflexão sobre o que é projetado sobre um patamar superior, sendo algo subjetivo e singular (Piaget cit. In Silva, 2009, p 238).

Todavia, embora possa parecer que os processos iniciais da abstração estejam mais voltados para os dados empíricos da experiência, é importante frisar que esses não podem ser assimilados sem que haja formas que assim o permitam. Há um jogo constante de idas e vindas entre assimilação e acomodação, entre reflexionamentos e reflexões, para organização do próprio sujeito e do objeto (Piaget cit. In Silva, 2009, p 239).

Pode-se ilustrar a ideia de Piaget com o esquema ilustrado na figura 1.

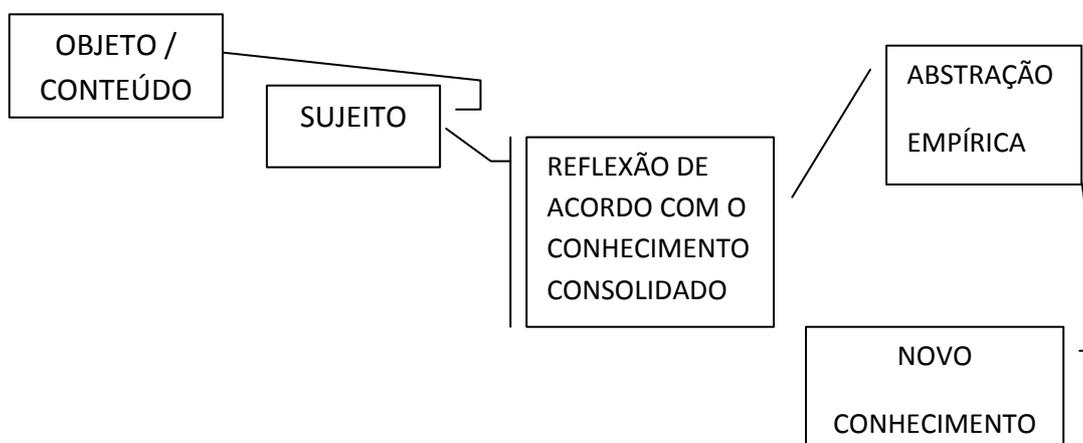


Fig.1- Esquema de consolidação das aprendizagens.

Piaget afirma que

A generalização ligada às abstrações empíricas é, apenas, extensiva e consiste em encontrar em novos objetos, uma propriedade que já existia nele, semelhante àquela que se abstraiu dos objetos, no ponto de partida; ao contrário, a abstração reflexionante consiste em introduzir, em novos objetos, propriedades que eles não possuíam, seja porque são tiradas das construções de níveis precedentes, seja, sobretudo, porque sua reorganização consegue construir novas formas que engendram, então, novos conteúdos. (PIAGET, 1977, p. 286)

Portanto, fica evidente que cada sujeito tem um tempo próprio de aprender, que não pode de maneira alguma ser ignorado pelos educadores, pois além das características gerais do sujeito epistêmico, a subjetividade do sujeito psicológico é que distingue cada pessoa pelas suas experiências e conhecimentos pré-estabelecidos.

2.3. Computador e educação

Tendo a alfabetização como objetivo primordial na educação e vivendo em uma época em que o computador está presente no cotidiano de todos, é fundamental compreender o papel desta mídia na educação.

A utilização de computadores na educação é tão remota quanto o advento comercial dos mesmos. Esse tipo de aplicação sempre foi um desafio para os pesquisadores preocupados com a disseminação dos computadores na nossa sociedade. Já em meados da década de 50, quando começaram a ser comercializados os primeiros computadores com capacidade de programação e armazenamento de informação, apareceram as primeiras experiências do seu uso na educação. No entanto, a ênfase dada nessa época era praticamente a de armazenar informação em uma determinada sequência e transmiti-la ao aprendiz. Na verdade, era a tentativa de implementar a máquina de ensinar idealizada por Skinner. Hoje, a utilização de computadores na educação é muito mais diversificada, interessante e desafiadora, do que simplesmente a de transmitir informação ao aprendiz. O computador pode ser também utilizado para enriquecer ambientes de aprendizagem e auxiliar o aprendiz no processo de construção do seu conhecimento. (VALENTE, 1999 P. 01- 02)

Mesmo com quase setenta anos do princípio da utilização do computador na educação, ainda se vê e muito nas escolas professores veem o computador com os ideais de Skinner. Os docentes não levam em consideração a importância da sua influência no uso da máquina por meio de um planejamento dinâmico, em que o aluno é visto como pesquisador e explorador.

O computador tem uma dimensão maior do que apenas uma mídia de digitação e pesquisas na internet por meio do seu uso, os alunos podem transformar ideias, desde que sejam bem orientados, tendo um objetivo claro do que se quer ou do que se espera a partir de um estudo.

Segundo Valente (1999), quando o computador transmite informação para o aluno, o computador assume o papel de máquina de ensinar e a abordagem pedagógica é a instrução auxiliada por ele. Essa abordagem tem suas raízes nos métodos tradicionais de ensino, porém em vez da folha de instrução ou do livro de instrução, é usado o computador. Os *softwares* que implementam essa abordagem são os tutoriais e os de exercício-e-prática.

De forma muito equivocada os planejamentos das aulas com uso do computador tem sido apenas uma “cópia” das aulas impressas, metodologia

tradicional, que não exerce conflito algum no aluno, que permanece com as mesmas hipóteses.

Quando o aluno usa o computador para construir o seu conhecimento, o computador passa a ser uma máquina para ser ensinada, propiciando condições para o aluno descrever a resolução de problemas, usando linguagens de programação, refletir sobre os resultados obtidos e depurar suas ideias por intermédio da busca de novos conteúdos e novas estratégias. Nesse caso, o software utilizado pode ser os softwares abertos de uso geral, como as linguagens de programação, sistemas de autoria de multimídia, ou aplicativos como processadores de texto, software para criação e manutenção de banco de dados. Em todos esses casos, o aluno usa o computador para resolver problemas ou realizar tarefas como desenhar, escrever, calcular, etc.. A construção do conhecimento advém do fato de o aluno ter que buscar novos conteúdos e estratégias para incrementar o nível de conhecimento que já dispõe sobre o assunto que está sendo tratado via computador. (VALENTE, 1999 P. 01- 02)

Portanto, fica claro que não basta introduzir a mídia na escola, deve haver planejamento significativo relacionado ao que se trabalha em sala de aula, mudança radical de metodologias, pois não basta transferir o impresso para o digital. Nesse sentido, torna-se fundamental o posicionamento do professor como agente mediador no processo de construção de conhecimentos no computador, com aulas bem definidas, em que os artifícios tecnológicos não sobreponham a ideia trabalhada, mas sim que possibilite ao aluno interagir e formular novas aprendizagens.

3. Metodologia

A pesquisa foi do tipo exploratória, sendo realizada nas turmas de alfabetização de 1º ano da EMEF Egidio Vécia, com a professora das mesmas, Pedagoga, Especialista em Interdisciplinaridade na Educação Básica. A escola faz parte da Rede Municipal de Santa Bárbara do Sul, tendo hoje aproximadamente quatrocentos alunos vindos de todos os bairros do município, sendo em sua maioria de classe populares. Esta instituição faz parte do Programa Mais Educação do Governo Federal, que trabalha com cem discentes em turno integral, oferecendo oficinas pedagógicas e outras atividades recreativas, com reforço pedagógico intensivo na área da Alfabetização e conhecimento Matemático.

Primeiramente, foi aplicado um questionário à professora, como descrito abaixo, com o objetivo de captar o que a mesma pensa sobre a mídia computador e como a relaciona metodologicamente.

Quantos alunos estudam no 1º ano no total de dois turnos?

“Trinta alunos”.

- Há quanto tempo trabalha como alfabetizadora?

“Trabalho há 7 anos”.

- No que está baseada a sua metodologia de trabalho?

“Em aulas com situações temáticas relacionadas a atividades diversas direcionadas a alfabetização”.

Nas séries iniciais é muito comum às aulas terem um eixo temático para a realização das atividades, a professora planeja interdisciplinarmente e acompanha individualmente os alunos de acordo com seu nível de aprendizagem.

- As mídias em suas diversas possibilidades estão presentes no seu planejamento?

“Sim”.

Não existe possibilidade de trabalhar alfabetização sem a utilização das mídias diversas, pois os alunos estão acostumados com essa realidade nas suas casas e se o professor não acompanhar esta tendência não fará diferença nenhuma neste processo. Além de ser necessário levar em consideração que cada criança aprende de maneira diferente e o planejamento deve contemplar o máximo de possibilidades, para que o professor encontre o caminho para trabalhar individualmente com cada aluno.

- Qual a mídia que você mais utiliza?

“Lousa interativa (conectada ao computador) e vídeo”.

A lousa interativa é uma mídia ligada ao computador, que auxilia e muito o trabalho do professor, pois todos os discentes interagem e instantaneamente já possuem um retorno a sua hipótese, com a intervenção dos colegas e da

interface que foi planejada pelo professor. O vídeo é uma mídia que serve como “ponta pé inicial” de muitos projetos realizados nas escolas.

- As mídias influenciam na maneira de aprender dos seus alunos? De que forma?

“Sim, pois é através das mídias que se desperta a curiosidade nos alunos, fazendo com que eles interajam e participem com prazer das aulas”.

As mídias influenciam muito no processo de aprendizagem dos alunos antes de mesmo de chegarem à escola, por isso o planejamento do professor para ser consolidado com aprendizagens realmente significativas não podem ficar a parte dessa realidade.

- Percebe diferenças entre os alunos que tem mais acesso as mídias? Quais?

“Sim”. Entre elas:

** Apresentam mais facilidade em aprender.*

** Demonstram maior conhecimento, cultura pesquisando na internet.*

** “Tem necessidade de saber ler e escrever para interagir no computador”.*

É evidente a diferença entre as crianças que tem acesso ao computador e outras mídias e as que não têm. Não estou dizendo que aqueles que não têm acesso às mídias não possam aprender, podem e aprendem. No contexto escolar percebo uma margem significativamente favorável àqueles que têm acesso às mídias, raciocínio mais rápido, amplitude cultural, interação social, iniciativa frente às dúvidas e maior facilidade de argumentação sobre assuntos diversos.

- O computador influencia nas maneiras de aprender e ensinar?

“Sim, pois desde cedo as crianças interagem com novos conhecimentos, proporcionando uma cultura diversificada”.

O computador é uma realidade nos lares brasileiros e como afirmei acima, como as demais mídias influencia a criança integralmente.

- Como o computador pode auxiliar no processo ensino – aprendizagem?

”Desde que o professor faça um planejamento complementando suas aulas com novidades que despertem o prazer em aprender”.

A professora respondeu exatamente com o que penso, não adianta trabalhar com o computador sem haver planejamento adequado elencado com o que está sendo trabalhado em sala de aula. Planejamento e mudança de da metodologia de trabalho como uso do computador é fundamental, ou o trabalho passa a ser meramente “um passatempo”.

- Percebe aspectos negativos em relação ao uso do computador em relação à aprendizagem e também ao comportamento dos alunos? Quais?

“Se a mídia não for usada com algum objetivo não terá sentido. Nesse espaço o aluno aprende a ter paciência, a esperar o colega para depois interagir, mas para que isso aconteça precisa da intervenção do professor”.

O aspecto negativo central é o fato de o professor não reconhecer o computador como recurso pedagógico e apenas como uma forma de entretenimento com a exploração de jogos sem sentido totalmente desvinculados do seu trabalho.

- As teorias anteriores às novas tecnologias são válidas ainda na sua metodologia e na aprendizagem dos alunos?

“Sim, porque a partir das teorias aprendidas vamos internalizando, aproveitando, utilizando de forma a construir e realizar uma aula de qualidade”.

Nenhum conhecimento é descartável, ele é reinventado e é isso que se faz também na educação com o uso do computador. Buscam-se novas estratégias, maneiras de trabalhar dentro das mesmas teorias de forma atual.

- O professor demonstra-se capaz de utilizar e explorar o computador? Por quê? Como?

“O professor no geral tem muita dificuldade em utilizar as tecnologias, por que não se desafia a aprender novos conhecimentos”.

O professor é capaz de trabalhar e muito bem com o computador desde que se permita a isso, fazendo o uso da curiosidade, da ousadia e da coragem de inovar.

- O que mudou radicalmente no seu trabalho, na sua maneira de planejar com o uso do computador? Acha que melhorou? Cite exemplos.

“Não planejar somente, o uso do computador e da internet facilitaram a pesquisa para o planejamento. Utilizo xérox com atividades com melhor qualidade, a lousa interativa e os jogos online”.

O computador e a internet romperam com o antigo planejamento do professor, além da facilidade trouxeram consigo inúmeras facetas que se utilizadas adequadamente enriquecem descomunalmente o trabalho em sala de aula e fora dela.

- Em sua opinião a que se referem as “barreiras invisíveis” criada pelos docentes e o computador? Por que tanta rejeição e insistência em permanecer com os mesmos métodos?

“Medo do novo, dificuldade em trabalhar com esta mídia”.

Acrescentaria o comodismo, é mais fácil fazer sempre a mesma coisa e colocar a culpa nos alunos, dizendo que são indisciplinados, quando na verdade estão sufocados pelas aulas repetitivas, sem nenhum atrativo, sendo que estas crianças estão submersas num mundo digital que fica fora apenas das aulas.

Creio que tudo o que a professora respondeu vem de encontro com o que estudamos no decorrer do curso de Mídias na Educação. Suas respostas demonstram que não tem medo de ousar com o uso do computador o que se confirma na sua prática docente, a qual presencio cotidianamente e solicitei a ela uma de suas aulas planejadas para ser trabalhada na Lousa Interativa da escola, em que o computador torna-se uma tela gigante em que as crianças realizam as atividades coletivamente de maneira prazerosa, divertida e consolidando aprendizagens.

Os questionamentos aos alunos foram totalmente direcionados a mídia computador. Foi realizado um levantamento, com um total de trinta alunos. A tabela 2 expõe os resultados.

Tabela 2: Resultados da pesquisa realizada com os alunos. O total de alunos entrevistados foi de 20.

Quantos possuem computador em casa?	19 alunos
Quantos utilizam o computador sem a ajuda de ninguém?	13 alunos
Quantos têm internet em casa?	14 alunos
O que mais exploram na internet?	Jogos, vídeos, fotos e facebook.

Segundo os dados coletados podemos perceber que a grande maioria das crianças já traz de casa uma cultura virtual, o que torna o uso do computador fundamental na escola, pois não pode ficar a parte da realidade social.

A professora cedeu um planejamento baseado na história “Charalina” de Nelson Albissu e ilustração de Osvaldo Sequetin. São atividades de completar palavras, leitura e raciocínio, elaboradas por ela de acordo com os níveis dos alunos, como pode-se ver nas Fig. 3.1 – 3.5.



Fig. 3.1 - Fonte: Aula planejada pela professora entrevistada



Fig. 3.2 - Fonte: Aula planejada pela professora entrevistada



Fig. 3.3 - Fonte: Aula planejada pela professora entrevistada

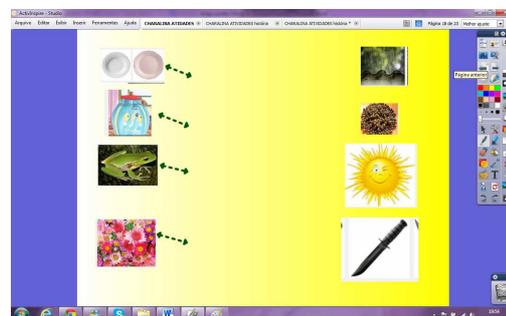


Fig. 3.4 - Fonte: Aula planejada pela professora entrevistada



Fig. 3.5 - Fonte: Aula planejada pela professora entrevistada

Teve - se a oportunidade de visualizar várias aulas planejadas pela professora por meio de interface e percebeu – se, que são criativas instigam os alunos a pensar, pois se utilizam letras incorretas, as mesmas não são aceitas. É fundamental destacar que essas atividades são parte do planejamento elaborado a partir da história “Charalina”, mas de maneira simples demonstram que é possível trabalhar o computador de forma lúdica na alfabetização.

4. Conclusão

Frente ao referencial, leituras e pesquisas realizadas, fica claro que a educação recebeu o computador pelas portas dos gestores, mas que as pessoas abriram as portas das suas casas para esta mídia, que é um meio de inclusão social.

O professor deve ter seu planejamento focado nos sujeitos, vendo-os como indivíduos universais passíveis a todas as transformações e interferências externas, seres em constante mudança e diferentes opiniões.

As teorias sobre a constituição do sujeito e a psicogênese da alfabetização são alicerces que norteiam a educação, que são reinventadas nos planejamentos de acordo com as demandas escolares, mas até o momento não podem ser esquecidas, ou deixadas de lado, a prática educacional é pautada em experiências realizadas no Séc. XX, mas está mesmo a passos lentos, para adequar sua metodologia a realidade atual.

A formação continuada, o estudo, a leitura e a coragem de ousar precisam estar presentes no trabalho pedagógico realizado na escola, pois muitos professores relutam as mudanças e precisam de ajuda para encararem o novo e saírem da “mesmice”. A coordenação pedagógica e os grupos de estudos devem ter sempre temas pautados em como ensinar mais e melhor ao aluno possuidor de largo conhecimento do uso do computador.

Acredita - se que nas turmas pesquisadas há um esforço da professora em estar conectada aos anseios de novidades trazidos pelos alunos. Nas observações e conversas sempre ficou explícito por parte dela o interesse em

estar buscando ideias e estratégias para que consiga de alguma forma atingir a todos os alunos com aprendizagens significativas.

É fundamental que a escola faça uma rede de estudos entre professores para o uso do computador na alfabetização, pois é evidente que há uma influência muito significativa do mesmo no processo de construção da alfabetização. Pode-se dizer que os alunos são alfabetizados digitais e a metodologia de trabalho do professor deve estar de acordo a esta realidade.

A criança conectada, que faz uso do computador desenvolve múltiplas aprendizagens que facilitam o aprender a ler e escrever, sabendo disso o planejamento do não pode estar alheio a esta mídia, que usada com coerência, estudo e metodologia adequada enriquece a construção de conhecimentos como um todo, sendo um diferencial em uma educação de qualidade.

Portanto, torna-se necessário que grupos de estudos sejam criados para que os docentes rompam paradigmas e melhorem seu planejamento e conhecimentos diante da mídia computador, que a escola elabore projetos visando intensificar o uso do computador não apenas como passatempo, mas sim recurso enriquecedor das atividades de sala de aula e oportunizar a comunidade escolar o acesso à sala de informática da escola, com um monitor que colabore em pesquisas e estudos extras.

5. Referências

ABIASSÚ, Nelson. **Charalina**. 20ª edição. São Paulo: Paulinas, 2012, 24p.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96**. Brasília, 1996.

FERREIRO, E. TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. Tradução: Horário Gonzales. 24ª edição. São Paulo: Cortez, 2001.

INHELDER, Barbel; BOVET, Magali; SINCLAIR, Hermine. [1974] **Aprendizagem e estruturas do conhecimento**. São Paulo: Saraiva, 1977.

INAF – Indicador de Analfabetismo Funcional. In: http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.02.01.00.00&ver=por > Último acesso em 22 de setembro de 2013.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. . 23ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MACHADO, Liliane Santos. **Formação de professores: o computador como recurso para o processo de alfabetização**. Presidente Prudente, 2011. 163 f.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papyrus, 2000. (Coleção Papyrus Educação).

PIAGET, Jean. [1959] **Aprendizagem e conhecimento**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

_____. [1936] **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. [1937] **A construção do real na criança**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, 360p.

_____. [1959] **Aprendizagem e conhecimento**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

_____. [1974] **A tomada de consciência**. São Paulo: EDUSP, 1975

_____. [1975] **A equilibração das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

_____. [1977] **Abstração reflexionante**. Porto Alegre: ArtMed, 1990.

SILVA, João Gilberto. **O sujeito psicológico e o tempo da aprendizagem**. Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [32]: 229 - 250, janeiro/abril 2009.

SOARES, M. B. **Língua escrita, sociedade e cultura**: relações, dimensões e perspectivas. In: Revista Brasileira de Educação. São Paulo, 1995. p. 5-11.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. In: Revista Brasileira de Educação. Minas Gerais: jan/fev/mar/abr 2004. nº 25. p.5-17.

VALENTE, José Armando (org). **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas: UNICAMP/NIED, 1999. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.